

# Velho

Pelas infinitas  
estradas do tempo, a fó-  
ra, ao sol, segue, mudo,  
soturnamente silencioso,  
esse frio ~~glacioso~~ <sup>glacioso</sup> ambulan-  
te, a que alguns chamam  
Velho e outros chamam  
apenas Desillusão.

Leito, engelhado, com o  
seu alforje de peregrino,  
a sua rude veste de  
estamenha, o seu bordão  
de jornada, e os pés nus,  
caminha, ~~glacioso~~ <sup>glacioso</sup> frio - tão

vago, tão tactante, tão  
verdadeiramente sombro,  
que dir-se-hia que é o  
vácuo, o intangível, que  
caminha...

Longas, profundas bar-  
bas brancas alvejam-lhe  
no rosto, dando-lhe um  
ar de austeridade pro-  
phética, evocando as  
severas e legendarias  
figuras dos Patriarcha-  
dos biblicos.

Na sua fronte vasta  
sulcos immensos formam  
como que vias dolorosas  
por onde pensamentos  
amargos percorrem, lem-  
branças angustiantes  
peregrinando passam...

Certo, esse Velho, assim  
suggestivo e bello, viéra  
dos Mythos, do fundo  
das Odysseias grêgas  
e ouvíra d'alto cantar  
nos finos seios d'ouro  
da Hellade a alma  
angusta e meditorra  
na de Homéro, sentira  
as lições doces da gra-  
ça antiga e mergulha-  
va sereno no seio bran-  
co e de rosas do Olym-

so dos deuses priscos.  
Nenhum manto real  
o cobria, nenhum lau-  
rel o coroava — nada  
parecia revellar, tangi-  
velmente, os seus tro-  
phéos de onnipoten-  
cia.

No entanto, pelos ves-  
tigios supremos, deixados,  
não só nas rugas da  
sua face, não só na  
tristura e contemplati-  
vidade ascética dos seus  
olhos e até nos caracte-  
res abstractos da Augus-  
tia que lhe singularisa-  
va o aspecto, como tam-  
bem em todo o seu vul-  
to fascinante, dominativo  
e grave, percebia-se o  
<sup>o de clareza e providencia</sup>  
Poder transcendental  
de um Predestinado, de  
um Inspirado, de um  
Deus, perfeito e sagrado  
Deus concebido Da Dor,  
alimentado e envelhecido  
na Dor.

Certo, era elle, o Poder-  
so da Dor, aquelle a  
quem a Dor avassalla-  
va mas não vencêra,  
a quem a Dor ungira

mas não esperára nem  
banalisára.

Maior, talvez um século  
maior com o contacto  
espiritualisante dos ~~sof~~  
frimmentos, era efectiva-  
mente agora que elle  
existia, como a propria  
consubstanciação da Dor.

Mas, nos abysmos fundos  
dos seus olhos velados,  
amortalhados de saudade,  
vivos e vendo e pare-  
cendo, no entanto, cegos,  
um sonho impenetra-  
vel esvoaça muito de  
leve e de muito leve  
surge, sae, em forma de  
sylpho, de dentro dos  
olhos amortalhados  
do Velho e põe-se en-  
tão a rondar, a rondar  
em torno d'elle, n'uma  
fascinação, com as suas  
aras diaphanas e phos-  
phorescentes de tenta-  
dor demonio...

E o Velho, subitamente  
deslumbrado pela phos-  
phorescencia das aras,  
~~das aras~~ ~~diaphanas~~ ~~de sylpho~~,  
tem estremecimentos con-  
vulsivos; e a sua face,  
então, toma expressão

singularíssima, de tal  
modo fica nesse momen-  
to transfigurada, que  
até como que se lhe  
aprofundam, que se  
lhe cavam mais as  
rugas...

Também, logo, com a  
rapidez própria dos so-  
nhos, a phosphorescen-  
te Visão desaparece... E o  
Velho, taciturno e trágico,  
parecendo concentrarem  
si toda a eloquência  
symbolica do Eclesi-  
astes, como que lança  
na terra a condemna-  
ção suprema do Juízo  
Final, tendo, porém, na  
face agora immensa-  
mente livida, duro  
victus sarcástico de  
scepticismo voltairea-  
no...

Mas, ah! quem poderia  
penetrar nos labirintos  
d'aquella existencia; quem  
poderia saber os vergéis,  
campos, vales cheirosos,  
enflorados de Thysão,  
onde essa alma viveu,  
floresceu e gorou; os fan-  
tasmões esverdeados, de

concupiscencia animal  
ou de tédio desesperado,  
onde ella mergulhou  
vencida; as alvejantes  
e ervaes enervantes  
lhadas de caminho  
onde a Imagem desolada  
dos seus Instintos  
errou, vagou e gemeu  
exhausta, fatigada, bati-  
da ao largo dos tem-  
poraes attraentes e  
tremendos da Vida!

Todos que o viam pas-  
sar, que lhe admira-  
vam a enfiatura os-  
sea, os filamentos nervosos  
das grandes rugas; que  
experimentavam a sensa-  
ção quasi de um pavor  
abstracto de respeito  
divino que a sua pa-  
triarchal figura inspi-  
rava, pareciam inqui-  
ril-o, fazer-lhe mil cu-  
riosas e significativas  
perguntas: — O teu já  
cem annos; que sauda-  
des, que recordações trou-  
xera na alma, que pão  
fresco no alforje; que  
jornadas fizera, e, se  
causara muito, nas

longas e pedregosas estradas áridas; se tivéra fome atraver os pomposos banquetes a Sucullo das altas cidades; se tivéra frio sob as cruas neves inclementes e fulgurantes; se sentira sede d'agua, mas só sede d'agua! por tórvidos e languescerentes calores; ou se sentira sede insaciavel de desejos ante o peccado de uns olhos...

Solennemente grande pela Dôr, fazia lembrar, com o sentimento de religiosidade que d'elle vinha, todas as magnificencias do Elevado e do Oagrado.

Parecia, então, que aquella incomparavel amargura de Doloroso ganhava proporções de materia inerte, se condensava, concretisava em blocos de granito e marmore; que aquella sublimidade de mysterios de secular Velhice tomava formas estaveis, solidificadas com

raízes infinitas na Terra,  
de architecturas prodigio-  
sas de cathedraes, de igre-  
jas gothicas, de basi-  
licas, de templos vetustos.

E, pelo sentimento de  
divinisação que elle ins-  
pirava, os olhos absor-  
tos, extasiados imaginis-  
samente, viam que essa  
Dôr ia se transmutando  
e avultando colossalmen-  
te como organismo phy-  
sico, <sup>alargando,</sup> alargando, <sup>atacando,</sup> atacan-  
do para o espaço na  
vastidão de um bojo  
enorme, arredondan-  
do ~~em~~ pomposamente  
em cupulas estrell-  
das, em simbórios de  
bronze, em torres formi-  
daveis, crescendo, crescen-  
do, ficando então mon-  
truosamente de pé na  
amplidão alta a ma-  
gestade eterna da Ba-  
silia da Dôr — ao mes-  
mo tempo de venerações  
e sacrilégios, igualmente  
divina e profanada!

Passados séculos, remotas  
antiquidades, éras extinc-  
tas, recordando lentos, lon-

gos desamunhos; ansiedades, desesperos, impaciências e saudades, eram como que a melancólica penumbra da immensa nave dessa Basilica.

Eas paixões atormentadas, os impetos lascivos, os desejos delirantes e em grita, as deprecacoes e blasphemias, as raivas rugidoras, os odios tempestuosos, eram entao as vozes clamantes e plangentes dos violoncellos no coro e os profundos graves chorosos, de soluços pungentes e adormecitados, dos organos e canto-chão.

Aborçoes másculos e saos de juventude, heroismos alegres e alados de esperanza, bondade birrora e florescente, galhardias, lhaneras affectivas, pensamentos limpidos, castos, de brancas virgens, ternuras angelicaes de sonho, eram, enfim, symbolos eucharisticos, pao e vinho

claros de communhões puras.

Todo o espirito do Velho se afinava por esse accôrde, a harmonia das grandes Intuições e Creações evangélicas o consagrava e santificava Deus - harmonia que se elevava para elle n'uma auriola de benção elysea...

A natureza, em redor, calma, repousada, tranquillizada, penetrada dos sentimentos imponderaveis do Absoluto, ampliava-se n'uma expansibilidade de vegetações que pareciam chiméricas, n'uma concentrativa mudez de forças originaes.

Para os largos e longes do vasto e verde mar melancólico, alguns barcos singravam, dentre os esprequeamentos voluptuosos da luz, no <sup>leve</sup> rhythmo da graça banzeira de bambolêantes bayadeiras bailando...

E a figura prophética

do Velho, com a alva ca-  
beça nua, as longas bar-  
bas brancas ondulando  
aos ventos gementes, ia  
vivamente desenhada  
no fundo vago da luz,  
como a concepção extra-  
vagantemente soberana,  
grandiosa, dos egípcios  
Designios, a caminhar  
das jornadas eternas,  
pelas peregrinações  
perpetuas, pelas estradas  
sem termo, pelos  
indefiníveis desertos  
sem fim...

Vae, Velho! clarão frio,  
clarão morto! Tu! que  
trazes contigo Agonias  
e Recordações seculares,  
sóbe, sóbe, solitário, só,  
~~giristramente~~ só, a es-  
calvada montanha  
erriçada de agudos car-  
dos ~~bravos~~ bravos, de ás-  
peras, rispidas sylvas,  
dos Fatalismos tremen-  
dos, eloquentes, épicos,  
rasgando, ferindo, cha-  
gando, ensanguentando  
mortalmente os pés.

Vae para o esquecimento

e para o Nada, calado,  
mudo, fechado no se-  
pulchro do teu segredo  
mystico, com os extremos  
e expressivos silencios  
da claustra da tua alma,  
levando sob a umbella  
dos Astros o Sacramen-  
to eucharistico da  
tua Dor.

Vae! Vae! Abime-te, pér-  
de-te, mergulha soter-  
namente, aprofundada-  
mente, nas estranhas  
sombas, nas estranhas  
sombas, nas estranhas  
sombas...

Orus e Laura.

---